



## Artigos

# Sujeito pronominal expresso e nulo em orações negativas do português brasileiro

## *Overt and null pronominal subject in negative clauses in Brazilian Portuguese*

Gabriel de Ávila Othero<sup>1</sup>  
Susana Miranda da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

*Investigamos o fenômeno da omissão e expressão de sujeitos pronominais em orações negativas simples (e.g. Ele não come carne), um conhecido contexto de resistência para o sujeito nulo em PB. Realizamos pesquisa em um corpus de língua falada recente e buscamos responder três questões centrais: (i) há maior ocorrência de sujeitos pronominais expressos ou nulos em orações negativas?; (ii) qual é a relação entre sujeitos pronominais expressos e nulos e os traços semânticos de seus antecedentes?; e (iii) as orações negativas simples se comportam como as orações com dupla negação no que toca às ocorrências de sujeitos nulos e pronominais expressos? Os resultados mostram que há maior ocorrência de sujeitos nulos do que expressos na amostra analisada, corroborando*

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2060-6312>. E-mail: [gabriel.othero@ufrgs.br](mailto:gabriel.othero@ufrgs.br)

2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre – Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4396-083X>. E-mail: [susy.s@hotmail.com](mailto:susy.s@hotmail.com)



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

*a ideia de que as sentenças negativas atuam como um contexto de resistência do sujeito nulo. Também verificamos uma relação entre os traços [+humano] e [+gênero semântico] e os sujeitos pronominais expressos, e uma relação entre o traço [-gênero semântico] e o sujeito nulo. Finalmente, verificamos que há maior frequência de sujeitos nulos em duplas negações (seguindo a literatura) do que em negações simples, o que fortalece a hipótese de que as orações com dupla negação veiculam conteúdos mais ativados discursivamente do que as negações simples.*

**Palavras-chave:** *sujeito expresso; sujeito nulo; negação; português brasileiro.*

## ABSTRACT

*We investigate the phenomenon of overt and null pronominal subjects in simple negative sentences (e.g. Ele não come carne), a well-known context for the null subject in Brazilian Portuguese. We used a spoken language corpus and tried to answer three central questions: (i) are there more overt pronominal or null subjects in negative sentences?; (ii) what is the link between null and overt pronominal subjects and the semantic features of their antecedents?; and (iii) do simple negative clauses behave like double-negatives when it comes to null and overt subjects? The results show that there is a high number of null subjects in the corpus we have analyzed, corroborating the idea that negative clauses are a context of resistance for the null subject in BP. We also verified a relation between the features [+human] and [+semantic gender] and the overt subjects, and a relation between the feature [-semantic gender] and the null subject. Finally, we found that there are more null subjects in double negatives (following the literature) than in simple negatives, which strengthens the hypothesis that double negatives convey more discursively activated content than simple negatives.*

**Keywords:** *overt subject; null subject; negatives; Brazilian Portuguese.*

## 1. Introdução

Desde a década de 1990, diversos trabalhos têm se dedicado ao fenômeno da omissão vs. realização do sujeito pronominal no português brasileiro (PB). Em análises diacrônicas do PB, a literatura tem mostrado como o preenchimento do sujeito pronominal tem aumentado,

em termos de frequência, ao longo dos anos (cf. Duarte, 1993,1995, 2018, Duarte & Reis, 2018, Gravina, 2014, Othero & Spinelli, 2019a, entre outros).

Aparentemente, o PB passou (ou tem passado) por uma remarcação no parâmetro do sujeito nulo, deixando de apresentar características típicas encontradas em línguas de sujeito nulo; em PB contemporâneo (menos monitorado, pelo menos), o sujeito nulo é “autorizado” em contextos bastante restritos (cf. Ayres 2021, por exemplo). Entre os contextos “de resistência” do sujeito nulo em PB, estão orações que se iniciam com algum item léxico, via de regra de natureza adverbial (advérbios de negação, advérbios aspectuais) ou de natureza “gramatical” (clíticos e auxiliares) – cf. Ayres (2021), Duarte e Reis (2018), Kato (2020), Othero e Goldnadel (2020).

Othero e Goldnadel (2020, 2021), por exemplo, demonstraram que as orações com dupla negação (como (1) abaixo) favorecem o sujeito nulo – numa proporção de frequência diretamente oposta ao que a literatura reporta em contextos gerais. Eles encontraram 73% de ocorrências de sujeitos nulos no *corpus* de orações com dupla negação (vide Exemplo1), ao passo que a literatura costuma reportar ~70% de ocorrências de sujeitos expressos (cf. Berlinck, Duarte e Oliveira, 2015, Duarte, 1995, Monteiro, 1994, Othero e Spinelli, 2019a, b entre outros).

(1) Eu estou achando que *ele não vai aguentar a ponta não*.

Em nosso estudo investigativo, analisaremos a relação sujeito pronominal x sujeito nulo em orações negativas canônicas (*Ele não vai aguentar*, por exemplo). Pretendemos investigar três questões centrais.

(i) Há, de fato, maior ocorrência de sujeitos nulos em orações negativas canônicas?

(ii) Qual é a relação entre sujeitos pronominais e os traços de seus antecedentes\referentes?

(iii) Os índices de sujeitos nulos são os mesmos reportados por Othero e Goldnadel (2020, 2021), ou seja 73% de sujeitos nulos? Se não são, a que se deve a diferença?

Organizamos o presente trabalho da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos brevemente uma revisão da literatura sobre o sujeito nulo em PB; na segunda seção, detalhamos alguns aspectos da pesquisa aqui reportada e apresentamos os resultados encontrados a partir das três questões norteadoras que nos propusemos a responder. Finalmente, na terceira seção, investigamos duas motivações relacionadas ao fenômeno do sujeito nulo e pronominal expreso nas orações negativas: o “padrão linear V2” e o gênero semântico dos referentes apontados\retomados pelas ocorrências de sujeito que analisamos no *corpus*. Na sequência, realizamos as considerações finais do nosso trabalho.

## 2. O Sujeito Nulo no Português Brasileiro

O parâmetro *pro-drop* distingue as línguas quanto à possibilidade de apresentarem ou não sujeitos nulos; línguas de sujeito nulo (como o espanhol não caribenho) apresentam valor positivo para a marcação do parâmetro *pro-drop*, ao passo que línguas que não permitem sujeito nulo (como o francês) apresentam valor negativo para o parâmetro. O português, considerado por muito tempo uma língua *+pro-drop* canônica, passou a ter seu *status* questionado a partir da década de 1980, quando os estudos sobre o PB começaram a entrar em cena. Tarallo (1983) foi provavelmente o primeiro a apontar o aumento gradativo nas ocorrências de sujeitos pronominais expressos em PB, impulsionando as diversas pesquisas que se seguiram a partir da década de 1990 com o objetivo de buscar evidências de que o PB passava por uma remarcação no parâmetro, muito provavelmente no sentido de deixar de ser uma língua que licencia sujeitos nulos para tornar-se uma língua de *sujeito nulo parcial* (ou mesmo uma língua *-pro-drop*, veja discussão contemporânea em Biberauer et al., 2010, Duarte & Figueiredo Silva, 2016, Gravina, 2014, Holmberg et al., 2009, entre outros).

Pioneira entre esses estudos, Duarte (1993) realiza uma pesquisa diacrônica na tentativa de encontrar evidências que atestem a relação entre o aumento de sujeitos pronominais expressos e a redução dos paradigmas flexionais do PB. Através da análise de peças teatrais de caráter popular – por sua aproximação à língua oral – escritas no pe-

ríodo de 1845 a 1992<sup>3</sup>, Duarte constata que os paradigmas flexionais do PB evoluem de um sistema formalmente rico para um paradigma empobrecido, supostamente incapaz de licenciar sujeitos nulos. A simplificação nos paradigmas flexionais, segundo Duarte, estaria relacionada às alterações no quadro de pronomes nominativos, conforme ilustra o Quadro 1.

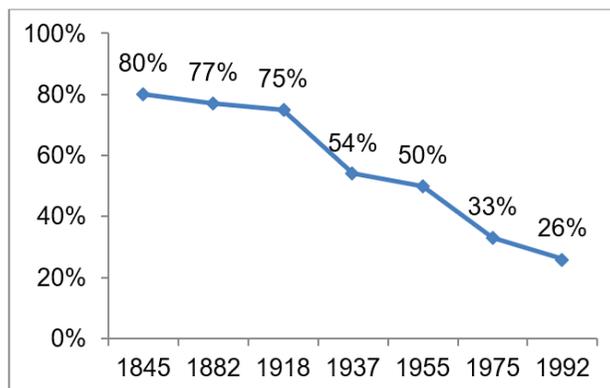
**Quadro 1** – Evolução nos paradigmas flexionais do português do Brasil

	Pronomes nominativos	Paradigma 1 século XIX	Paradigma 2 século XX/1	Paradigma 3 Século XX/2
<b>1PS</b>	eu	<i>canto</i>	<i>canto</i>	<i>cantø</i>
<b>1PP</b>	nós <i>a gente</i>	<i>cantamos</i> -	<i>cantamos</i> <i>cantaø</i>	<i>cantamos</i> <i>cantaø</i>
<b>2PS</b>	tu você	<i>cantas</i> -	<i>cantas</i> <i>cantaø</i>	<i>canta(s)</i> <i>cantaø</i>
<b>2PP</b>	vós <i>vocês</i>	<i>cantais</i> <i>cantam</i>	- <i>cantam</i>	- <i>canta(m)</i>
<b>3PS</b>	ele, ela	<i>cantaø</i>	<i>cantaø</i>	<i>cantaø</i>
<b>3PP</b>	eles, elas	<i>cantam</i>	<i>cantam</i>	<i>canta(m)</i>

Fonte: Adaptado de Duarte (2018, p. 85).

Esse enfraquecimento do sistema flexional, que evolui de um sistema pronominal com seis formas distintivas para quatro (com a gramaticalização das formas nominais *a gente* e *você* como pronomes), acarretou uma alteração profunda na representação do sujeito pronominal. A análise dos sujeitos pronominais (nulos ou expressos) da amostra resultou, consideradas as três pessoas do discurso, na evolução de ocorrência de sujeitos nulos no período ilustrada no Gráfico 1.

3. A amostra analisada está constituída pelas seguintes obras: *O noviço* (Martins Pena, 1845), *Como se fazia um deputado/Caiu o ministério* (França Jr., 1882), *O simpático Jeremias* (Gastão Tojeiro, 1918), *O hóspede do quarto n.2* (Armando Gonzaga, 1937), *Um elefante no caos* (Millôr Fernandes, 1955), *A mulher integral* (Carlos E. Novaes, 1975) e *No coração do Brasil* (Miguel Falabella, 1992).

**Gráfico 1** – Sujeitos nulos nas três pessoas do discurso

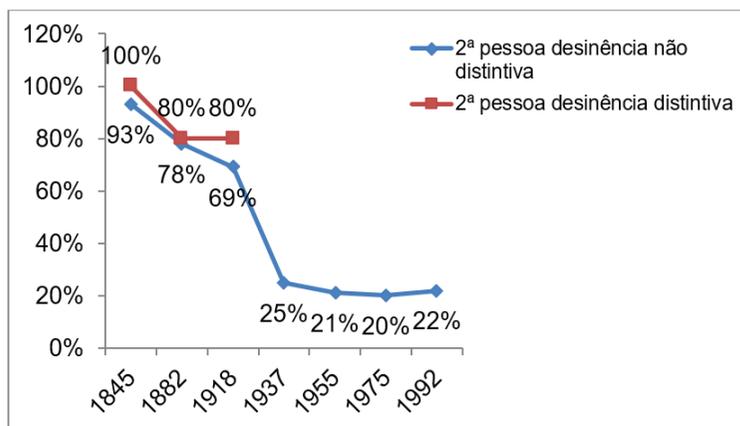
Fonte: Adaptado de Duarte (2018, p. 88).

O sujeito nulo, conforme demonstra o Gráfico 1, passa de 80% das ocorrências no Paradigma 1 (período de 1845 a 1918) para 26% de ocorrências ao final do Paradigma 3 (período de 1975 a 1992). Conforme Duarte (1993, 2018), o Paradigma 2 (período de 1937 a 1955) configura o período de transição entre o favorecimento do sujeito nulo e o preenchimento do sujeito pronominal.

Analisadas separadamente as três pessoas do discurso, temos, ainda seguindo Duarte (1993), a 2ª pessoa liderando a mudança nas ocorrências de sujeitos nulos, tendo sido a primeira forma a ser afetada pela mudança e a que apresenta percentuais mais significativos na transição do sujeito nulo para o sujeito pronominal expresso. Duarte destaca que a forma de 2ª pessoa com desinência distintiva (*tu/vós*) somente ocorre, na amostra analisada, nas peças do Paradigma 1, sendo a partir daí a forma utilizada o pronome *você* (vide Gráfico 2).

Sujeito pronominal expreso e nulo em orações negativas do português brasileiro

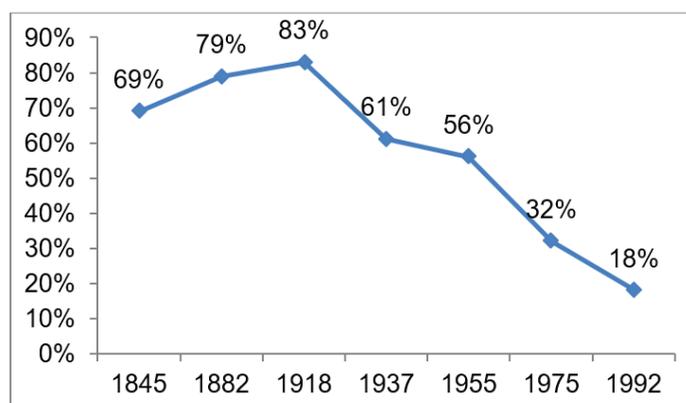
**Gráfico 2** – Sujeitos nulos de 2ª pessoa



Fonte: Adaptado de Duarte (2018, p. 89).

A 1ª pessoa é igualmente afetada pela mudança, embora a trajetória descendente seja menos brusca do que a apresentada para a 2ª pessoa. Cabe destacar, como aponta Duarte, que, embora a 1ª pessoa seja a única que ainda apresenta desinência distintiva a partir do Paradigma 2, tal fator já não é suficiente para o favorecimento do sujeito nulo, o que indica que a riqueza funcional do paradigma flexional para o licenciamento do sujeito nulo encontra-se comprometida (Vide Gráfico 3).

**Gráfico 3** – Sujeitos nulos de 1ª pessoa

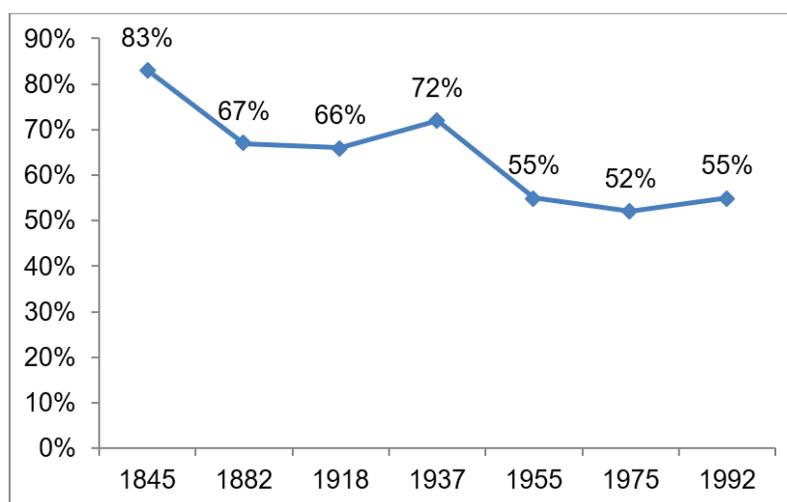


Fonte: Adaptado de Duarte (2018, p. 91).

No que diz respeito à 3ª pessoa (Gráfico 4), na amostra analisada, esta é a única em que prevalece maior ocorrência de sujeitos nulos sobre os pronomes expressos,

o que nos coloca diante de uma assimetria: de um lado temos os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas representados, cada vez mais frequentemente pelo pronome expresso, e, de outro, o sujeito de 3ª pessoa, apresentando-se como um contexto de resistência à implementação da mudança em direção ao preenchimento. Duarte (2018, p. 93)

**Gráfico 4** – Sujeitos nulos de 3ª pessoa



Fonte: Adaptado de Duarte (2018, p. 92).

Analisando tal assimetria, Duarte aponta o fato de que a 3ª pessoa licencia sujeitos nulos de forma diferente da 1ª e 2ª pessoas, e que um fator importante para tal licenciamento é o fato de a maioria dos sujeitos nulos de 3ª pessoa apresentarem um referente com o traço semântico [-humano]. O que Duarte (1993) conclui é que a alteração no quadro de desinências verbais alterou as características do sistema flexional do PB e que a ocorrência do sujeito nulo passou a ser um fenômeno periférico que depende de elementos externos à concordância, evidenciando uma mudança em progresso.

Ainda na década de 1990, Monteiro (1994) dedica uma parte de seu trabalho acerca dos pronomes pessoais aos pronomes exercendo a função de sujeito. Para isso, analisa um conjunto de 60 entrevistas orais do Projeto NURC que abarca inquéritos realizados em cinco cidades envolvidas no projeto<sup>4</sup>. No que diz respeito à expressão ou omissão dos sujeitos pronominais, Monteiro (1994) obtém resultados muito semelhantes aos obtidos por Duarte (1993) no Paradigma 3 (período 1975 a 1992), como mostramos na Tabela 1.

**Tabela 1** – Sujeitos pronominais expressos, em comparação de amostras

Pessoa do discurso	Duarte (1993)		Monteiro (1994)
	1975	1992	
1ª p	68%	82%	64%*
2ª p	80%	78%	75%
3ª p	48%	45%	45%

\*De acordo com um dos pareceristas, “diferentemente do que ocorre com a 2ª e a 3ª pessoas, em que os percentuais obtidos por Monteiro são semelhantes aos obtidos por Duarte com referência ao ano de 1992, para a 1ª pessoa o paralelo se dá com o ano de 1975. Esse fato merece consideração (ou seja, não se pode simplesmente generalizar, dizendo que os resultados são semelhantes na sua totalidade)”.

Fonte: os autores.

Os números de Monteiro (1994) corroboram o que Duarte (1993) já apontara em sua análise: a 2ª pessoa mostra-se a mais avançada no processo de mudança quanto ao preenchimento do pronome. A 1ª pessoa também já apresenta um alto índice de sujeitos expressos, ao passo que a 3ª pessoa apresenta, nas duas amostras, índices praticamente idênticos, prevalecendo o sujeito nulo sobre o pronome expreso. Monteiro (1994) chama a atenção para o fato de a marca desinencial da 1ª pessoa não ser fator determinante para a manutenção do sujeito nulo, tal como apontara Duarte (1993):

4. O projeto NURC (Norma Urbana Culta) teve seu início em 1970 com o objetivo de caracterizar a modalidade culta da língua falada nos centros urbanos das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife. As entrevistas que constituem a amostra analisada por Monteiro foram gravadas nas décadas de 1970 e 1990.

O que de mais surpreendente nos revela este quadro é que os pronomes *eu* e *nós* alcançam taxas de presença bem mais altas do que *ele* e *eles*. Ora, *nós* é sempre redundante, já que em todos os tempos verbais a primeira pessoa do plural apresenta a marca desinencial. Por seu turno, *eu* com frequência também se faz acompanhar de formas verbais marcadas flexionalmente. Em contraposição, a desinência verbal na terceira pessoa é zero na maioria dos tempos, o que logicamente deveria favorecer a presença dos pronomes. Monteiro (1994, p. 134).

Nesse sentido, também Monteiro destaca que a morfologia de concordância verbal exerce menos influência na alternância entre sujeitos nulos e expressos de 3ª pessoa do que a noção *semântica de pessoa do discurso*, e que uma rede complexa de fatores controla o emprego dos sujeitos pronominais. Monteiro (1994), apontando a pesquisa de Paredes da Silva (1988), que analisa a presença ou ausência dos pronomes de 3ª pessoa, lista entre esses fatores o caráter de animacidade do referente.

Tanto Duarte (1993) como Monteiro (1994) sinalizam, então, a problemática que se apresenta em relação aos sujeitos de 3ª pessoa, uma vez que há (ou havia à época) uma assimetria em comparação com a 1ª e 2ª pessoas, que já apresentavam uma mudança clara em direção ao preenchimento do sujeito pronominal, e a 3ª, que ainda favorecia os sujeitos nulos.

Buscando desvendar o percurso do preenchimento dos sujeitos pronominais de 3ª pessoa, Duarte (2012) retoma a análise de Duarte (1993) ampliando a amostra original<sup>5</sup>, uma vez que aponta o baixo número de dados de 3ª pessoa como uma das deficiências do primeiro estudo, e refina a análise através de elementos que estudos posteriores trouxeram para a discussão do tema, enfocando dois aspectos principais: a ordem linear (de natureza estrutural), conforme proposto em Barbosa, Duarte e Kato (2005), e a hierarquia referencial (de natureza semântica), proposta em Cyrino, Duarte e Kato (2000).

---

5. Foram acrescentadas à amostra de Duarte (1993) as seguintes peças: *O troféu* (Armando Gonzaga, 1937), *A vida tem três andares* (Humberto Cunha, 1938), *Do tamanho de um defunto* (Millôr Fernandes, 1955), *Confidências de um espermatozoide careca* (Carlos Eduardo Novaes, 1986), *A partilha* (Miguel Falabella, 1990) e *Como encher um biquíni selvagem* (Miguel Falabella, 1992).

A análise dos padrões sentenciais indica que a distância do antecedente e a função distinta da de sujeito são os fatores que mais fortemente influenciam a retomada do referente por um pronome – algo também investigado e comprovado por Othero, Ayres e Lazzari (2020) e Paredes Silva (2003). Quanto aos aspectos semânticos, os referentes foram analisados em termos da marcação dos traços [ $\pm$ humano] e [ $\pm$ específico]. O traço [+humano] do antecedente favorece a expressão do pronome, ao passo que o traço [-humano] favorece o sujeito nulo. O traço de especificidade se mostra secundário, embora os antecedentes com traço [+específico], aliado ao traço [+/-humano], exerçam influência na omissão ou expressão do pronome. O traço [-específico] é um fator de resistência dos sujeitos pronominais expressos.

Duarte (2012) demonstra então que, no caso dos sujeitos referenciais de 3ª pessoa, a implementação da mudança em direção à expressão do pronome se dá de forma diferente dos sujeitos referenciais de 1ª e 2ª pessoas, e que o favorecimento do pronome pleno está relacionado aos contextos de natureza estrutural e semântica.

Mais recentemente, Othero e Spinelli (2019a) dão continuidade à pesquisa original de Duarte (1993), analisando duas peças teatrais do século XXI<sup>6</sup>, escritas mais ou menos 20 anos após a última peça analisada por Duarte, com o intuito de verificar se, após a década de 1990, os índices de pronomes expressos de 3ª pessoa aumentaram ou permanecem estáveis. Os resultados gerais (para todas as pessoas do discurso) foram semelhantes aos apontados por Duarte para os dados de 1992: os sujeitos pronominais plenos corresponderam a 73,3%, enquanto os nulos a 26,7% dos dados obtidos por Othero e Spinelli. Os dados também demonstram semelhança de resultados para os sujeitos pronominais de 1ª e 2ª pessoas. Contudo, os autores perceberam um aumento significativo na expressão dos sujeitos pronominais de 3ª pessoa, que passou a patamares muito próximos aos sujeitos pronominais expressos de 1ª e 2ª. Othero e Spinelli advogam pela estabilidade da mudança e tentam mostrar que a assimetria entre 1ª e 2ª pessoas de um lado e 3ª pessoa de outro deixa de existir (vide Tabela 2).

6. Trata-se de duas peças teatrais cariocas de caráter popular, assim como as que constituem a amostra de Duarte (1993). As peças analisadas são de autoria de Diogo Liberano: *Sinfonia Sonho* (2011) e *Maravilhoso* (2013).

**Tabela 2** – Sujeitos nulos e expressos: comparando o avanço da mudança em um intervalo de 20 anos.

	<b>Duarte (1993) – peça 1992</b>	<b>Othero e Spinelli (2019a) – peças 2011 e 2013</b>
<b>Pessoa do discurso</b>	<i>Sujeitos expressos</i>	<i>Sujeitos expressos</i>
<b>1p</b>	82%	72%
<b>2p</b>	78%	76%
<b>3p</b>	45%	71%

Fonte: os autores.

Segundo os autores,

[a]lém de os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas continuarem com alto índice de preenchimento (72% e 76,6%, respectivamente), mostramos aqui que essa tendência se espalhou também para a 3ª pessoa (71% de sujeitos pronominais preenchidos), algo que Duarte (1993, 1995) não tinha constatado até então; daí ela ter apresentado dados “assimétricos” no que toca o preenchimento de sujeito nas três pessoas do discurso, como vimos. Othero e Spinelli (2019a, p. 26-7)

Também com o objetivo de investigar o avanço da mudança, Duarte e Reis (2018) realizaram uma análise comparativa entre os resultados obtidos por Duarte (1995) com dados de amostra coletada nos anos de 2009 e 2010. A 2ª pessoa apresentou quadro de mudança quase concluída, com 90% dos sujeitos pronominais preenchidos. A 1ª pessoa apresentou resultados muito próximos, 84%, resistindo o sujeito nulo em contextos muito específicos. A 3ª pessoa demonstrou avanço em direção ao pronome expresso, como apontaram Othero e Spinelli (2019a), chegando ao índice de 73% de sujeitos expressos, o que supera significativamente o resultado da amostra de 1992 e indica que a opção do PB pelo sujeito pronominal expresso vem se confirmando.

As décadas de 1930 a 1950, como se percebe em Duarte (1993), foram o período de transição em direção à redução do sujeito nulo. A partir da década de 1970, o PB passa a ter preferência pelo sujeito pronominal expresso na retomada anafórica, que atualmente já representa mais de 70% das ocorrências, de acordo com os estudos aqui reportados.

O que esses estudos também apontam é que esse processo de mudança não aconteceu de maneira uniforme para as três pessoas do discurso: a mudança afetou primeiramente a 2ª e a 1ª pessoas; a 3ª pessoa seguiu o percurso de forma mais lenta, mas atualmente já alcança os mesmos índices de preenchimento das demais.

### *Motivações para a Mudança*

A hierarquia de referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), nos explica por que a pronominalização do sujeito no PB teria começado pela 1ª e 2ª pessoas. Segundo essa proposta, elementos com o traço [+humano] ocupam o ponto mais alto da hierarquia, enquanto elementos não argumentais ocupam o ponto mais baixo. Os sujeitos referenciais de 1ª e 2ª pessoas apresentam, inerentemente, o traço [+humano]; são, portanto, altamente referenciais na hierarquia. Já a 3ª pessoa apresenta alternância dos traços [+/- humano], pois pode apontar para elementos tanto humanos como não humanos, ocupando, dessa forma, uma posição intermediária na hierarquia. Os referentes mais altos nessa escala “têm a tendência de serem retomados por pronomes, enquanto referentes mais baixos na hierarquia são preferencialmente retomados por sujeitos nulos”<sup>7</sup> (Othero & Spinelli, 2019b, p. 7).

Seguindo essa hipótese, Duarte (2012) e Duarte e Reis (2018) analisam os sujeitos pronominais nulos e expressos de 3ª pessoa e concluem que, sendo o antecedente um elemento com o traço [+humano], o PB tende a expressá-lo por meio de um pronome pleno. Outros traços, como o de especificidade, também foram considerados na análise, mas o traço [+/-humano] mostrou ser o que mais fortemente favorece o pronome pleno.

Ainda outro fator apontado por Duarte e Reis (2018, p. 183) como relevante na alternância entre omissão e expressão do sujeito pronominal de 3ª pessoa é o padrão sentencial, “em virtude de certas

7. De acordo com um dos pareceristas do texto, “Um dado que pode comprovar ou reforçar esse argumento é o fato de que o espanhol não caribenho não apresenta pronomes él/ella e os plurais como sujeito de referente não animado. O espanhol caribenho, em especial o dominicano, que perdeu a propriedade do sujeito nulo sim. “ella está llena”, no espanhol caribenho pode ser a casa. no mexicano/argentino, só pode ser uma mulher”.

configurações sintáticas terem no sujeito nulo a forma não marcada de realização nas línguas [+Sujeito Nulo] [...]”, ao passo que o uso de um pronome expresso nesses contextos representa “uma forte evidência de desobediência ao princípio ‘evite pronome’ que subjaz as línguas de sujeito nulo consistentes”.

Analisando os diferentes padrões sentenciais de acordo com a posição do antecedente, Duarte e Reis (2018) apontam que certos padrões favorecem o uso do pronome devido à baixa acessibilidade sintática. Outros padrões representam contextos de resistência do sujeito nulo, embora tenham apresentado índices de sujeito expresso superiores a 50%.

Ayres (2021), Othero, Ayres e Lazzari (2020) e Paredes Silva (2003) também consideram relações intersentenciais como fator de favorecimento ou desfavorecimento do sujeito nulo e do sujeito pronominal expresso. Tais estudos são de cunho funcional e argumentam que a manutenção tópica e a proximidade referencial entre elemento anafórico (no caso da 3ª pessoa) e referente discursivo têm efeito sobre a alteridade sujeito nulo vs. sujeito pronominal expresso. Um sujeito muito saliente no contexto discursivo tem a tendência de ser retomado por anáfora zero, ao passo que um sujeito que se encontra num contexto de concorrência com algum outro referente ou num contexto distante de seu referente tem a tendência de ser expresso por pronome (nesse sentido, cf. também os dados apresentados por Naro e Scherre, 2007).

### *Sentenças Negativas e Omissão/Expressão de Sujeitos Pronominais em PB*

Como vimos até aqui, a literatura tem mostrado, em geral, que o PB deixou de favorecer sujeitos nulos e passou a preferir sujeitos pronominais expressos na retomada anafórica, deixando então de apresentar características de uma língua +*pro-drop* canônica. As ocorrências de sujeitos nulos estão mais restritas a contextos específicos, determinados por fatores de natureza estrutural e semântica, como os padrões sentenciais e traços semânticos dos antecedentes retomados por esses sujeitos pronominais.

Outro contexto de resistência do sujeito nulo é a oração que se inicia com algum item léxico de caráter adverbial ou funcional, como mencionamos anteriormente: “quanto à 1ª pessoa, os sujeitos nulos ainda resistem em contextos iniciais, principalmente com uma categoria funcional em primeira posição, como a negação e advérbios aspectuais, clíticos ou um auxiliar” (Duarte & Reis, 2018, p. 177), embora o sujeito expresso prevaleça de maneira geral para a 1ª pessoa.

Para as demais pessoas, não há referência quanto à influência desse contexto na alternância entre omissão ou expressão dos pronomes sujeitos, mas tal observação do estudo de Duarte pode estar relacionada ao fato de que a posição à esquerda do verbo pode ser ocupada por elementos que não sejam “sujeitos canônicos”, mas podem “fazer as vezes de sujeito” (cf. Avelar e Cyrino 2008; Costa, Rodrigues e Augusto 2012; Munhoz e Naves 2012, Othero 2020, por exemplo). É o que Kato (2020) chama de “prosódia linear V2”, hipótese segundo a qual um elemento (de qualquer natureza) à esquerda do verbo favorecerá o sujeito nulo. Isso aconteceria porque, no ordenamento linear da frase, o verbo estaria ocupando a mesma posição que ocuparia numa frase com sujeito preenchido, ou seja, o verbo não ocupa a posição inicial da oração.

Nesse sentido, seguindo Kato (2020), a variação das propriedades do sujeito nulo referencial no PB envolve uma restrição de natureza prosódica. E isso fica bastante claro em casos de inversão do sujeito com elementos locativos como nos Exemplos (2), (3) e (4).

- (2) Aqui dormem as crianças.
- (3) \*Dormem as crianças aqui.
- (4) \*Dormem aqui as crianças.

O advérbio locativo torna a frase gramatical\aceitável apenas se aparece na posição mais à esquerda, mantendo o verbo na segunda posição linear da superficialização prosódica da frase (compare com *As crianças dormem aqui*)<sup>8</sup>. Baseando-se nessa ideia, Othero e Gold-

8. Cf. Pilati (2006) e Kato (2020) para argumentação e mais exemplos.

nadel (2020) analisam como a dupla negação influencia a omissão ou a expressão do sujeito pronominal, como vemos nos Exemplos (5) e (6).

- (5) Eu estou achando que [*ele não vai aguentar a ponta não*].
- (6) Não, [*Ø não me obrigou não*]. Fui por livre e espontânea vontade.

Os autores investigaram as ocorrências de dupla negação em um *corpus* de fala transcrita composto de 36 entrevistas orais gravadas ao longo da década de 1990 (o *corpus* VARSUL<sup>9</sup>), e uma de suas hipóteses era de que, se o primeiro *não* da dupla negação estiver atuando como um elemento que ocupe a posição esquerda do verbo, haverá a prevalência de sujeitos nulos (e não de sujeitos pronominais expressos em construções de dupla negação). De fato, os autores reportaram encontrar mais sujeitos nulos do que pronominais expressos nas construções de dupla negação (vide Tabela 3).

**Tabela 3** – Ocorrências de sujeitos pronominais nulos e expressos

Sujeitos		
Nulos	62/85	73%
Preenchidos	23/85	27%

Fonte: Othero e Goldnadel (2020: 9)

Comparados com os resultados para a omissão ou a expressão dos sujeitos pronominais de maneira geral, as construções de dupla negação apresentam números praticamente inversos de sujeitos nulos e preenchidos: enquanto os sujeitos expressos no PB se encontram na casa dos 70%, nas construções de dupla negação eles não alcançam 30% das ocorrências.

9. O projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) busca estudar a língua falada na região Sul do país. Fazem parte do projeto quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR) – cf. Bisol e Monaretto (2016), Brescancini (2021), Vandresen (2016).

No caso da dupla negação, como aponta Othero (2020), o processo de gramaticalização pelo qual está passando o primeiro elemento negativo da construção pode explicar por que essas estruturas estariam favorecendo os sujeitos nulos – ou como sugerem Othero e Goldnadel (2020), o fato de construções com dupla negação veicularem conteúdo altamente ativado no contexto discursivo pode ser o fator central para o número elevado de sujeitos nulos (em geral, como mostram os autores, as duplas negações retomam referentes salientes no contexto discursivo).

Em se tratando de negativas simples canônicas, Duarte (1995) já havia apontado que tais estruturas são um contexto de resistência dos sujeitos nulos de 1ª pessoa. Um resultado interessante de nosso estudo vai ser contrastar nossa investigação do sujeito nulo e pronominal expresso em negativas simples com os resultados reportados por Othero (2020) e Othero e Goldnadel (2020) em orações com dupla negação. Se as construções de dupla negação são diferentes (semântica e pragmaticamente) das negativas simples<sup>10</sup>, é possível que isso se reflita no fenômeno do sujeito nulo. Em especial considerando que Goldnadel (2016), Goldnadel et al. (2016) e Othero e Goldnadel (2020, 2021) argumentam que a construção de dupla negação é, de certa forma, uma especialização, da negação simples, pois têm função pragmática distinta, em geral usada em contextos em que veicula informação altamente ativada no contexto discursivo, podendo, por isso, favorecer elementos nulos, tais como sujeitos nulos. Como explicam os autores (p. 15),

apesar de a literatura apontar para o fato de que o PB, em geral, tem privilegiado orações com sujeito pronominal expresso em detrimento de sujeito nulo (...), percebemos que as construções de dupla negação favoreciam orações com sujeito nulo. Isso explica por que uma construção de dupla negação veicula conteúdos ativados discursivamente (que, por princípio, podem não ser expressos na superfície da frase).

Veremos, na próxima seção, como o sujeito pronominal expresso e o sujeito nulo se comportam em orações com negação simples.

10. Cf. Teixeira de Sousa (2012) a esse respeito também.

### 3. Sujeitos Nulos e Expressos em Orações Negativas em PB

Nosso interesse central aqui é responder às seguintes perguntas:

(i) há maior ocorrência de sujeitos nulos ou sujeitos pronominais expressos em orações negativas canônicas?

(ii) qual é a relação entre sujeitos pronominais e os traços de seus antecedentes nas orações negativas?

(iii) as orações negativas simples se comportam como as orações com dupla negação no que toca às ocorrências de sujeitos nulos e pronominais expressos?

Para responder essas questões, efetuamos um estudo de *corpus* para a parte quantitativa da pesquisa. Analisamos as ocorrências de negação sentencial simples presentes no *corpus* de fala transcrita do projeto LínguaPOA (Battisti, 2019), produzido e transcrito entre 2015 e 2018 na cidade de Porto Alegre. Esse acervo de entrevistas sociolinguísticas resulta da conversação entre entrevistador e entrevistado, na qual se segue um roteiro de perguntas do qual resultam narrativas de experiências pessoais e impressões sobre a cidade.

Realizamos a análise da transcrição, identificando as sentenças em que o elemento negativo ‘não’ ocupa a posição anterior ao verbo na sentença, sem distinção entre sentenças coordenadas e subordinadas. Foram excluídas as sentenças nas quais o verbo se encontra na forma infinitiva (7), sendo contabilizadas na análise apenas as sentenças com verbo flexionado.

(7) Sim, eu gosto de ouvir música. E eu estudava com o rádio [até pra *não precisar ficar* tendo que escolher muita música,] né, ficava tocando, mais fácil. (entrevista 03)

Identificamos, nas sentenças contabilizadas, a ocorrência de sujeitos referenciais pronominais, classificando-os em nulos ( $\emptyset$ ) ou expressos (por pronomes), Exemplos (8) e (9).

(8) Eu sou formado em engenharia de computação, [mas agora  $\emptyset$  *não* to trabalhando na área que me formei]. (entrevista 03)

Sujeito pronominal expresso e nulo em orações negativas do português brasileiro

- (9) Eu *não* acho que seja tão ruim o transporte público de Porto Alegre. (entrevista 03)

Ao mesmo tempo, identificamos e classificamos os antecedentes ou referentes dos sujeitos nulos, seguindo a proposta de Othero e Goldnadel (2020), por gênero semântico, como explicaremos na próxima seção deste artigo. Excluímos da análise a colocação *não sei X*, por apresentar exclusivamente sujeito nulo (encontramos 16 ocorrências, todas com sujeito nulo), como nos Exemplos (10) e (11).

- (10) E o meu marido já não, o meu marido já gosta de almoça(r), do arroz e feijão e  $\emptyset$  não sei o quê. (entrevista 06)

- (11) (...) e esse museu  $\emptyset$  não sei das quanta. (entrevista 30)

Analisamos ao total 590 ocorrências de sujeitos pronominais em orações negativas. Dessas, 280 apresentaram sujeitos com pronome expresso e 310 apresentaram sujeito nulo (vide Tabela 4).

**Tabela 4** – Sujeitos pronominais expressos vs. nulos em sentenças negativas.

Sujeito expresso	280 (47%)
Sujeito nulo	<b>310 (53%)</b>
Total de ocorrências	590 (100%)

Fonte: os autores.

As formas nulas e expressas de 1ª pessoa do singular apresentaram o maior número de ocorrências na amostra (425 das 590 ocorrências do *corpus*). Sobre isso, Monteiro (1994, p.132) explica que “muitos linguistas já observaram a tendência do homem de falar bem mais de si mesmo do que de outros seres ou coisas, além da relação direta com o tipo de discurso – há uma tendência de maior presença do eu em diálogos espontâneos”.

Sendo o *corpus* constituído por entrevistas orais, nas quais se fazem perguntas em grande parte relacionadas ao entrevistado ou é possível para o entrevistado expressar seu ponto de vista sobre algum tema, a

alta incidência de referência à 1ª pessoa do singular se justifica. Esse caráter do *corpus* também favorece, de certa forma, o uso de partículas negativas (como ‘não’) no início dos enunciados dos entrevistados, quando respondem perguntas fechadas do tipo sim-e-não. Com relação à distribuição entre sujeitos expressos e nulos, encontramos a seguinte divisão, conforme mostra a Tabela 5.

**Tabela 5** – Pronome expresso vs. nulo por pessoa do discurso

Pessoa	Expressos	Nulos	Total
1ª pessoa do sing.	213 (50%)	212 (50%)	425 (100%)
2ª pessoa do sing.	11 (48%)	<b>12 (52%)</b>	23 (100%)
3ª pessoa do sing.	31 (33%)	<b>63 (67%)</b>	94 (100%)
1ª pessoa do pl.	<b>15 (62%)</b>	9 (38%)	24 (100%)
2ª pessoa do pl.	<b>6 (67%)</b>	3 (33%)	9 (100%)
3ª pessoa do pl.	4 (27%)	<b>11 (73%)</b>	15 (100%)
<b>Total</b>	280 (47%)	<b>310 (53%)</b>	519 (100%)

Fonte: Os autores.

De modo geral, a análise demonstrou que a oração com elemento negativo é, de fato, um contexto de resistência do sujeito nulo (encontramos sujeito nulo em 53% das ocorrências), como já apontara Duarte (1995). Contudo, o número de sujeitos nulos não foi tão elevado quanto aquele reportado por Othero e Goldnadel (2020) em suas investigações com a dupla negação – o que pode ser um indício de que a negação simples (“NEG1” na terminologia de Goldnadel, 2016) pode ter efeitos gramaticais distintos da dupla negação (“NEG2”), fortalecendo a tese central defendida por Goldnadel (2016).

Repare, no entanto, que há uma diferença entre os percentuais de 1ª e 2ª pessoas e os percentuais de 3ª pessoa. Na próxima seção, investigaremos a relação entre o sujeito pronominal expresso e nulo e duas propriedades relacionadas ao fenômeno: o padrão linear V2 e o traço de gênero semântico do referente, quando trataremos dos sujeitos de 3ª pessoa.

## 4. Motivações para o Favorecimento do Sujeito Nulo em Sentenças Negativas

### *A Ordem Linear V2 e as Sentenças Negativas*

Ao tratar da mudança do PB, de uma língua de sujeito nulo prototípica para uma língua de sujeito nulo parcial, Kato (2020) argumenta que, paralelamente à perda da marcação morfológica flexional, o PB passou também por uma mudança na prosódia sentencial: da possibilidade de V-inicial, ou V1 (Exemplo 19), das línguas prototípicas de sujeito nulo, o PB passa a ter preferência pelo padrão linear V2 (ou, mais especificamente \*V1), em que o verbo ocupa a segunda posição linear na frase (ou, pelo menos, não ocupa a primeira posição) (Exemplo 20). Uma consequência disso é a menor ocorrência de sujeitos nulos em PB contemporâneo<sup>11</sup>.

(19) *É*<sup>V1</sup> americano?

(20) *Você é*<sup>V2</sup> americano?

Sobre a preferência do PB pelo sujeito expresso, Kato e Duarte (2018) propõem que o princípio “Evite Pronome”, característico das línguas pro-drop, passa a ser reinterpretado no PB como “Evite V1”. De acordo com Kato (2020), “embora V2 tenha se tornado o padrão sentencial com sujeito expresso, o apagamento do sujeito pode ocorrer quando ocorrem elementos leves pré-verbais como advérbios leves, negação, clíticos, locativos em primeira posição que preservem o padrão linear V2”.

Assim, considerando essa intuição de que o PB não privilegia orações com um padrão linear prosódico em que o verbo é o primeiro item lexical da oração, podemos atribuir o maior número de ocorrências de sujeitos nulos nas orações negativas a esse efeito. Nas orações com o elemento negativo, o verbo figura, justamente, na segunda posição

11. Exemplos de Kato (2020). Sobre essa hipótese, cf. também Kato e Duarte (2014) e Ayres (2021).

linear, sendo a posição inicial ocupada pelo item negativo ‘não’, em posição clítica ao verbo (como nos apontou um dos pareceristas).

Ainda assim, resta-nos uma dúvida: se a construção com o elemento negativo satisfaz a condição da ordem linear com o verbo na segunda posição na oração, por que não encontramos apenas sujeitos nulos? Em outras palavras, o que motivou que encontrássemos sujeitos pronominais expressos em 47% das sentenças negativas do *corpus* de análise?

Investigaremos, na próxima seção, um dos fatores amplamente investigados na literatura sobre o sujeito nulo e o sujeito expresso pronominal em PB, os traços semânticos do referente.

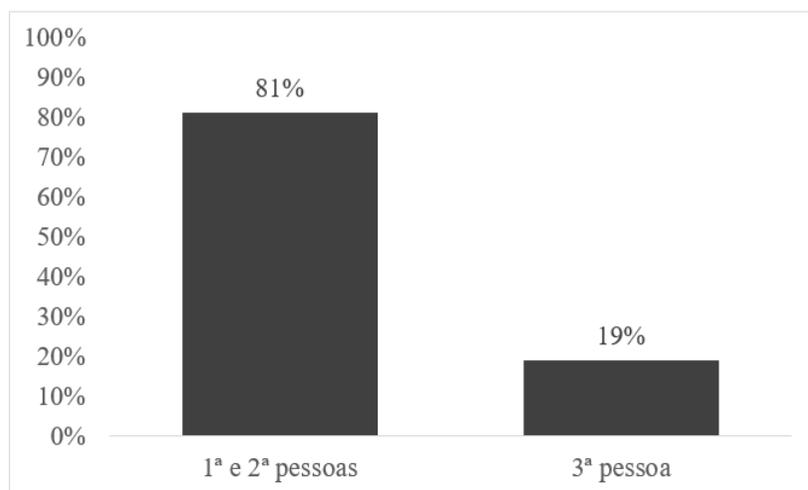
### *Traços Semânticos do Referente e sua Relação com o Sujeito Nulo e com o Sujeito Pronominal Expresso nas Orações Negativas*

Cyrino, Duarte e Kato (2000), como vimos, propuseram uma “hierarquia de referencialidade”, segundo a qual, referentes que possuem o traço [+humano] ocupam posição mais alta e seriam os candidatos à retomada anafórica pronominal. Sendo os pronomes de 1ª e 2ª pessoas inerentemente [+humanos], justifica-se que a mudança em PB tenha iniciado, como vimos, por esses pronomes.

Na amostra que investigamos aqui, os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas representam 81% das ocorrências (Gráfico 5). Dessas, 51% são ocorrências de sujeito expresso e 49% de sujeito nulo (Gráfico 6).

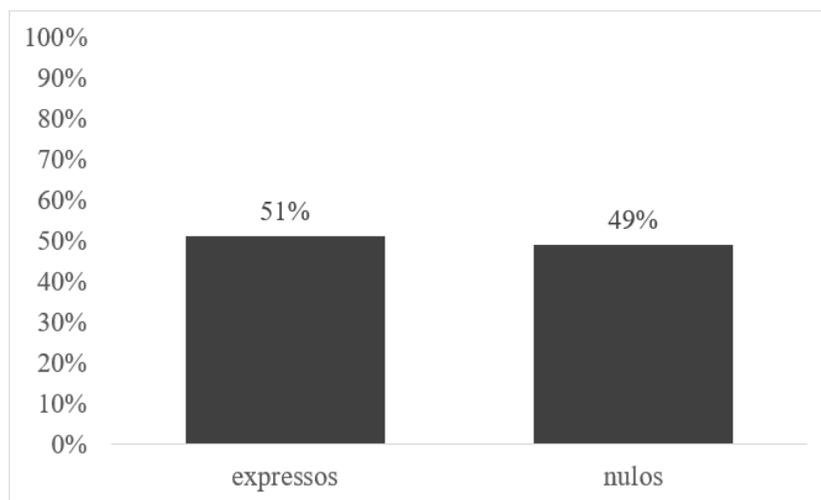
Sujeito pronominal expresso e nulo em orações negativas do português brasileiro

**Gráfico 5** – Distribuição das pessoas gramaticais na amostra



Fonte: os autores.

**Gráfico 6** – Distribuição das ocorrências de 1ª e 2ª pessoas: expressos vs. nulos



Fonte: os autores.

Essa distribuição pode estar refletindo o conflito entre duas “demandas” gramaticais. Por um lado, a construção negativa favorece o sujeito nulo, muito provavelmente por conta da ordem linear da oração iniciada pelo elemento negativo (a “ordem linear V2”); por outro, de

maneira oposta, vimos como os pronomes de 1ª e 2ª pessoa, por apontarem a referentes [+humano] são preferencialmente retomados por pronomes. Assim, ainda que a construção negativa favoreça o sujeito nulo, os sujeitos de 1ª e 2ª pessoa são preferencialmente expressos por forma pronominal pronunciada – ou, sob ótica inversa: ainda que a referência de 1ª e 2ª pessoa favoreça o uso de pronome sujeito, as orações negativas, por apresentarem um elemento negativo à esquerda do verbo, favorecem o sujeito nulo. De qualquer maneira, acreditamos que essa distribuição entre nulos e expressos de 1ª e 2ª pessoa reflita, justamente, esse conflito.

A 3ª pessoa ocupa uma posição intermediária na hierarquia de referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000), uma vez que os pronomes de 3ª pessoa podem apontar para referentes [+humanos] ou [-humanos], fazendo com que, no caso da 3ª pessoa, o traço [+/-específico] também fosse considerado.

Entretanto, no caso da 3ª pessoa, há outro traço que vem sendo investigado em trabalhos recentes sobre o sujeito nulo em PB, o traço de *gênero semântico* do referente (cf. Othero & Spinelli 2019a, b, Ayres 2021). É esse traço que Othero e Goldnadel (2020) investigam nos referentes dos sujeitos pronominais nulos e expressos nas orações de dupla negação. Por isso, é esse traço que investigaremos aqui também. O gênero semântico, afirmam Othero e Schwanke (2018, p. 156-157):

diz respeito à classificação que distingue substantivos que denotam seres sexuados de substantivos que denotam seres não sexuados; ou, talvez de forma mais precisa, o traço distingue substantivos que denotam sexo natural aparente, como *homem, mulher, professor, cachorro* etc., de substantivos que não denotam sexo natural aparente, como *mesa, livro, vítima, cônjuge, boneco, tartaruga* etc. Referentes inanimados são marcados negativamente para esse traço; substantivos animados, contudo, não têm necessariamente um gênero semântico específico: *pessoa, habitante, estudante* etc. Ou seja, alguns substantivos têm gênero gramatical, mas não gênero semântico inerente.

A ideia básica é que o uso do pronome de 3ª pessoa se faça por um efeito de concordância semântica (e não meramente gramatical), no seguinte sentido: *ele* retoma preferencialmente referentes masculinos, *ela* retoma preferencialmente referentes femininos e o sujeito nulo (Ø) retoma preferencialmente referentes neutros (*mutatis mutandis* tal como

acontece em línguas *-pro-drop* com pronomes de gênero neutro, como em inglês ou alemão).

Considerando então que somente encontramos a distinção masculino x feminino nas formas pronominais de 3ª pessoa, analisamos todos os referentes de 3ª pessoa encontrados no *corpus* de análise das orações negativas e cruzamos esses dados com as retomadas de sujeitos nulos e expressos (vide Tabela 6).

**Tabela 6** – Relação entre gênero semântico e alternância expreso vs. nulo dos sujeitos pronominais de 3ª pessoa

	Sujeitos expressos	Sujeitos nulos	Total
+ gên. semântico	23 (66%)	12 (44%)	35 (100%)
- gên. semântico	13 (18%)	61 (82%)	74 (100%)

Fonte: Os autores.

Repare que os referentes com gênero semântico marcado são, de fato, preferencialmente retomados por pronomes (66% dos casos); ao passo que os referentes com gênero semântico não marcado são, de fato, preferencialmente retomados por um elemento vazio na função de sujeito (81% dos casos). O que os resultados nos mostram, até aqui, é que os traços semânticos dos referentes influenciam diretamente a alternância entre nulos e plenos, bem como já observaram outros estudos mencionados. Passemos às Considerações Finais, onde respondemos às três questões investigadas aqui.

## Considerações Finais

Investigamos o fenômeno do sujeito nulo vs. pronominal expreso em orações negativas canônicas do PB, as chamadas NEG1, com a negação ocupando a posição pré-verbal. Buscamos responder três perguntas, aqui repetidas para conveniência do leitor.

(i) Há maior ocorrência de sujeitos nulos em orações negativas canônicas?

(ii) Qual é a relação entre sujeitos pronominais e os traços de seus antecedentes nas orações negativas?

(iii) As orações negativas se comportam como as orações com dupla negação no que toca às ocorrências de sujeitos nulos e pronominais expressos?

Em resposta ao questionamento (i), vimos que as sentenças negativas apresentaram maior ocorrência de sujeitos nulos do que pronominais expressos, embora essa diferença não seja muito expressiva: encontramos 53% de sujeitos nulos (310 ocorrências de 590 investigadas). Ainda que a diferença não seja muito acentuada, reiteramos aqui que as orações negativas representam um contexto de resistência do sujeito nulo em PB contemporâneo – lembramos que nossos dados são oriundos de entrevistas sociolinguísticas gravadas entre 2012 e 2016. Ou seja, são dados bastante recentes. Tal resistência pode ser explicada pelo padrão de prosódia linear V2, ou seja, por um desfavorecimento de orações que iniciem pelo verbo, tal como foi observado por Kato e Duarte (2018), Kato (2020) e Othero (2020).

Com relação à questão (ii), vimos que os traços semânticos dos referentes retomados/apontados pelos pronomes favorecem o sujeito pronominal expresso. Investigamos o traço de gênero semântico na 3ª pessoa e constatamos que há uma tendência de favorecimento de sujeito expresso com referentes que têm gênero semântico marcado. No caso da 1ª e 2ª pessoa, encontramos relativamente bastantes ocorrências de sujeitos expressos, o que sinaliza que o traço [+humano] também favorece o sujeito expresso pronominal, algo já amplamente investigado na literatura sobre o sujeito nulo em PB.

Finalmente, em resposta à pergunta (iii), vimos que as orações negativas simples (as NEG1) não se comportam como as construções de dupla negação (NEG2) investigadas por Othero e Goldnadel (2020, 2021) no que diz respeito ao fenômeno do sujeito nulo: os autores relataram encontrar 73% de sujeitos nulos em orações com dupla negação. Esse número é muito superior à média reportada na literatura sobre o sujeito nulo em contextos gerais em PB. Aqui, encontramos também uma frequência de sujeitos nulos maior do que a média (53%, ao passo que os estudos têm reportado menos de 30% de sujeitos nulos em contextos gerais, cf. bibliografia já citada); entretanto, é um número

bem inferior aos 73% reportados por Othero e Goldnadel (2020, 2021). Esse é um resultado que vem naturalmente se considerarmos, seguindo Goldnadel (2016) e Goldnadel et al (2020), que as construções com dupla negação veiculam conteúdo altamente ativado no contexto discursivo e, por isso, passível de omissão; essa é justamente a principal diferença, do ponto de vista pragmático, entre a negação canônica (que analisamos aqui) e a dupla negação.

### Agradecimentos

*Agradecemos às colegas Izete Coelho (UFSC), Karin Vivanco (Unicamp) e ao colega Marcos Goldnadel (UFRGS) por terem lido uma versão prévia deste trabalho e terem nos dado um feedback muito importante. Também agradecemos a Sergio Menuzzi (UFRGS) pela interlocução constante e pela discussão de algumas das ideias aqui debatidas e apresentadas e a Elisa Battisti (UFRGS) por ter disponibilizado gentilmente o corpus de fala transcrito para análise. Finalmente, agradecemos aos pareceristas anônimos da revista, que contribuíram com o texto. Qualquer equívoco aqui presente é, obviamente, de nossa inteira responsabilidade.*

### Conflito de interesses

*Declaramos não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo.*

### Contribuição dos autores

*Nós, Gabriel de Ávila Othero e Susana Miranda da Silva, declaramos, para os devidos fins, que não temos qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo. Ambos os autores participaram da análise de exemplos do corpus e da redação do artigo. Os autores aprovam a versão final do manuscrito e são responsáveis por todos os aspectos, incluindo a garantia de sua veracidade e integridade.*

### Referências

Avelar, J., & Cyrino, S. (2008). Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 3, 49-65. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/2806> (Acessado 03 de fevereiro, 2023).

- Ayres, M. R. (2021). *Contextos licenciadores de sujeitos nulos em português brasileiro* [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218608> (Acessado 03 de fevereiro, 2023).
- Barbosa, P., Duarte, M. E. L., & Kato, M. A. (2005). Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4, 11-52. <https://doi.org/10.5334/jpl.158>
- Battisti, E. (2019). *O acervo de entrevistas sociolinguísticas LínguaPOA: constituição, possibilidades e desafios*. Comunicação oral proferida no I Fórum Internacional de Sociolinguística, UFRJ, 26 nov. 2019.
- Berlink, R. A., Duarte, M. E. L., & Oliveira, M. (2015). Predicação. In M. A. Kato, & Milton do Nascimento (Eds), *A Construção da Sentença; Gramática do Português Culto Falado no Brasil* (pp. 81-149). Contexto.
- Biberauer, T., Holmberg, A., Roberts, I., & Sheehan, M. (2010). *Parametric variation: Null subjects in minimalist theory*. Cambridge University Press.
- Bisol, L., & Monaretto, V. N. O. (2016). VARSUL e suas origens, uma história sumariada. *ReVEL*, edição especial (13), vi – xi. <http://hdl.handle.net/10183/150381> (Acessado 03 de fevereiro, 2023).
- Brescancini, C. R. (2021). *Projeto Varsul - Variação Linguística no Sul do Brasil - 36 anos*. Zouk.
- Costa, I. O., Rodrigues, E. S., & Augusto, M. R. A. (2012). Concordância com tópico: o caso dos verbos meteorológicos em relativas cortadoras. *ReVEL*, edição especial (6), 62-81. <http://www.revel.inf.br/files/20f73c13bce5da4365a008990b3e3c82.pdf> (Acessado 03 de fevereiro, 2023).
- Cyrino, S. M. L., Duarte, M. E., & Kato, M. A. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In M. A. Kato & E. V. Negrão (Eds), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* (pp. 55-104). Vervuert-Iberoamericana.
- Duarte, I., Figueiredo Silva, M. C. (2016). The null subject parameter and the structure of the sentence in European and Brazilian Portuguese. In L. Wetzels, J. Costa & S. M. Menuzzi, S. (Eds.), *The handbook of Portuguese Linguistics* (pp. 234-253). Wiley Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781118791844.ch13>
- Duarte, M. E. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (Eds), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica* (pp. 107-128). Editora da Unicamp.

- Duarte, M. E. (1995). *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro* [Tese de doutorado]. Universidade Estadual de Campinas. [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30\\_4700fea5227ae684344f8ae6d31d6f89](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_4700fea5227ae684344f8ae6d31d6f89) (Acessado 03 de fevereiro, 2023)
- Duarte, M. E. (2018). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. Roberts & M. A. Kato (Eds.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica* (pp. 83-103). Contexto.
- Duarte, M. E. L., & Reis, P. R. (2018). Revisitando o sujeito pronominal vinte anos depois. *ReVEL*, 16(30), 173-197. <http://www.revel.inf.br/files/23f8c093cf2be398414c965bf05f8e75.pdf> (Acessado 03 de fevereiro, 2023).
- Goldnadel, M. (2016). Funções pragmáticas de enunciados de dupla negação: análise de dados de Curitiba (PR). *ReVEL*, edição especial (13), 144-180. <http://www.revel.inf.br/files/4bc9963377eea2fc60a0da5b84ba9f5b.pdf> (Acessado 03 de fevereiro, 2023).
- Goldnadel, M., Petry, P., & Lamberti, L. (2020). Funções pragmáticas de enunciados com dupla negação em Florianópolis. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 62, 1-22. <https://doi.org/10.20396/cel.v62i0.8658767>
- Gravina, A. P. (2014). Diacronia e sujeito nulo no português brasileiro: um estudo comparativo. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 16, 199-231. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16isep199-231>
- Holmberg, A., Nayudu, A., & Sheehan, M. (2009). Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, 63, 59-97. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9582.2008.01154.x>
- Kato, M. (2020). *Determinantes prosódicos em mudança sintática*. Abralín ao vivo.
- Kato, M. A., & Duarte, M. E. (2018). Pre-verbal position in BP: a reinterpretation of “avoid pronoun principle”. *Diadorim*, 20, 610-626. <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23293>
- Monteiro, J. L. (1994). *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Edições UFC.
- Munhoz, A. T. M., & Naves, R. R. (2012). Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. *SIGNUM. Estudos Linguísticos*, 15(1), 245-265. [https://www.researchgate.net/publication/276233146\\_Construcoes\\_de\\_topico-sujeito\\_uma\\_proposta\\_em\\_termos\\_de\\_strutura\\_argumental\\_e\\_de\\_transferencia\\_de\\_tracos\\_de\\_C](https://www.researchgate.net/publication/276233146_Construcoes_de_topico-sujeito_uma_proposta_em_termos_de_strutura_argumental_e_de_transferencia_de_tracos_de_C) (Acessado 01 de março, 2023).
- Naro, A. J., & Scherre, M. M. P. (2007). Preenchimento do sujeito pronominal e concordância variável no português brasileiro. In A.

- J. Naro & M. M. P. Scherre (Eds.), *Origens do português brasileiro* (pp. 161-177). Parábola.
- Othero, G. A. (2020). *Overt and null subject in double negative constructions in Brazilian Portuguese* [Apresentação de trabalho]. Vienna Workshops on Portuguese Linguistics. Viena, Universidade de Viena. <https://vpl.univie.ac.at/>.
- Othero, G. A., Ayres, M. R., & Lazzari, M. G. (2020). A conexão discursiva e a manifestação de sujeito pronominal e nulo em português brasileiro. *Caderno de squibs: temas em estudos formais da linguagem*, 4(1), 28-34. <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/30470> (Acessado 03 de fevereiro, 2023)
- Othero, G. A., & Goldnadel, M. (2020). Omissão de sujeito pronominal anafórico e as construções de dupla negação. *Caderno de Estudos Linguísticos*, 62, 1-21, e020011. <https://doi.org/10.20396/cel.v62i0.8658593>.
- Othero, G. A., & Goldnadel, M. Omissão de sujeito pronominal anafórico e as orações com dupla negação. In C. R. Brescancini (Ed.), *Projeto Varsul - Variação Linguística no Sul do Brasil - 36 anos* (pp. 83-93). Zouk, 2021.
- Othero, G. A., & Schwanke, C. (2018). Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. *Revista de Estudos da Linguagem*, 26(1), 147-185. <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.26.1.147-185>
- Othero, G. A., & Spinelli, A. C. (2019a). Sujeito pronominal expresso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB). *Domínios de Linguagem*, 13(1), 7-33. <https://doi.org/10.14393/DL37-v13n1a2019-1>
- Othero, G. A., & Spinelli, A. C. (2019b). Um tratamento unificado da omissão e da expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa em português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 61(1), 1-30. <https://doi.org/10.20396/cel.v61i1.8654211>
- Paredes Silva, V. L. (2003). Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In M. C. Paiva & M. E. Duarte (Eds.), *Mudança linguística em tempo real* (pp. 97-114). Contra Capa.
- Pilati, E. (2006). *Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem verbo-sujeito no português do Brasil* [Tese de Doutorado]. Universidade de Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/18794> (Acessado 03 de fevereiro, 2013).
- Tarallo, F. (1983). *Relativization strategies in Brazilian Portuguese* [Tese de Doutorado]. University of Pennsylvania. <https://repository.upenn.edu/dissertations/AAI8326337/> (Acessado 03 de fevereiro, 2013).

Sujeito pronominal expresso e nulo em orações negativas do português brasileiro

- Teixeira de Sousa, L. (2012). *Sintaxe e Interpretação de Negativas Sentenciais no Português Brasileiro* [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual de Campinas. <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/74729/sintaxe-e-interpretacao-de-negativas-sentenciais-no-portugue> (Acessado 03 de fevereiro, 2013).
- Vandresen, P. (2016). A montagem do banco de dados VARSUL: 1990 a 1996. *ReVEL*, edição especial, 13, 1-21. <http://www.revel.inf.br/files/162b536d21309e301996e79b1bc69d08.pdf> (Acessado 03 de janeiro, 2023).

Recebido em: 05.05.2021

Aprovado em: 07.11.2021